



HISTÓRIAS CONECTADAS POR MARES REVOLTOS: UMA HISTÓRIA DA CAÇA DE BALEIAS NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL (1750-1850)

Wellington Castellucci Junior¹
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Recebido: 12/06/2015

Aprovado: 28/06/2015

Resumo: O presente ensaio enfoca, de maneira comparativa, a caça de baleia na costa atlântica dos Estados Unidos e do Brasil, entre os séculos XVIII e XIX. Constituem-se também objeto de análise deste estudo as maneiras como eram apresadas as baleias nos dois continentes, a forma de seu desmancho e o beneficiamento da sua gordura e comercialização. Além disso, as diferenças nas relações de trabalho entre os dois lugares e as similitudes em certos aspectos são abordados ao longo da narrativa. Outrossim, trata do processo expansionista norte-americano em direção à América Latina. As fontes históricas utilizadas são inéditas e constituem um acervo documental não consultado pelos pesquisadores, tais como relatórios de autoridades coloniais e de Presidentes de Províncias, documentos da Fazenda Real, jornais, relatos de viajantes, fontes literárias.

Palavras-chaves: Caça de baleia - Escravidão - Servidão

STORIES CONNECTED BY ROUGH SEAS: A HISTORY OF WHALING IN THE UNITED STATES AND BRAZIL (1750-1850)

Abstract: This paper focuses, in a comparative way, the whale hunting on the Atlantic coast of the United States and Brazil, between the eighteenth and nineteenth centuries. It also constitutes object of analysis on this study, the ways whales were arrested in the two continents, the shape of their miscarriage, the processing and marketing of their blubber. Furthermore, differences in labor relations between the two places and the similarities in certain aspects are discussed throughout the narrative. In addition to that, it deals with the US expansionist process towards Latin America. Historical sources used on the research are new and are a collection of documents not consulted by researchers, such as reports of colonial authorities and Presidents of provinces, the Royal Treasury documents, newspapers, travelers' stories and literary sources.

Keywords: Whaling - Slavery - Servitude

¹ Endereço de correspondência: Av. professor Magalhães Neto, n. 735, Edifício Maison D'Argent, Apt. 1102, Bairro Pituba, Salvador -Ba. CEP -41810-011. E-mail: wcastelluccijunior@gmail.com.

Introdução

Que os Estados Unidos adicionem o México ao Texas, e empilhem Cuba sobre o Canadá; que os ingleses superenxameiem por toda a Índia, e exibam sua bandeira resplandecente de sol: dois terços do globo terrestre são dos nantucketenses. Porque o mar lhes pertence; possuem-no como os imperadores possuem impérios; os outros homens do mar têm somente direito de passagem...

Moby Dick
Herman Melville. p. 91-92.²

Na sexta-feira, 08 de abril de 1831, a *Gazeta da Bahia*, jornal de grande circulação da província baiana, noticiava, com certa naturalidade, a movimentação de embarcações estrangeiras, com destaque para a presença de um tipo de embarcação norte-americana dedicada a uma importante atividade econômica do século XIX:

Galera americana Martha, Mestre Ricard Wuden para á pescaria de Baleias, carga lastro, eq. 19 ton. 271... Brigue americano New Paquete, Mestre Coore, de Santa Hellena em 19 dias, carga fazendas secas e outros gêneros a João Glima e Comp. Eq. 10 ton. 121.³

Notadamente, essa matéria, publicada na página dedicada aos anúncios gerais, expressava tão somente o alcance da atividade da baleação estadunidense no alvorecer do oitocentos, quando aquele país já havia assumido a vanguarda da caça aos cetáceos nos mares do Atlântico e do Pacífico, como corolário do aperfeiçoamento da indústria naval e conhecimento das rotas migratórias dos grandes cetáceos.

A expansão, o triunfo e a glória dos Estados Unidos da América, enquanto nação imperialista, estão diretamente ligados à atividade baleeira e ao tráfico de escravos. O ápice da primeira atividade se deu no período oitocentista. Dela se derivaram as demais atividades econômicas de grande porte da jovem nação, que conectaram os EUA a outros continentes do globo por meio dos oceanos Atlântico e Pacífico. Não é sem razão que Herman Melville escreveu uma das mais extraordinárias obras de ficção - com forte conteúdo histórico, a respeito da grande baleia branca que aterrorizou o capitão Ahab, comandante de uma baleeira

² MELVILLE, Herman. **Moby Dick ou a baleia**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

³ Gazeta da Bahia. Salvador, 08.04.1831. Extraído de: <<http://memoria.bn/docreader.aspx?bnbr=815233&pasta=ano+183&pesq>>

norte-americana, que partira de uma pacata ilha da América do Norte e navegou pelos oceanos em busca do seu troféu.⁴

Não obstante, bem mais cedo, a escravidão africana em terras do norte já havia conectado aquela colônia inglesa a outros continentes do globo por meio do tráfico atlântico de seres humanos, do comércio de matérias-primas e de gêneros alimentícios, ambos derivados, em grande medida, do trabalho forçado empreendido pelos negros. Mas, restam poucas dúvidas de que foi a baleação a atividade que ganhou maior vulto, sobretudo pelo seu caráter internacionalista de uma economia capitalista em vias de consolidação do final do século XVIII e início do XIX.

Respeitando as suas devidas proporções, a atividade baleeira no Brasil também logrou grande importância econômica desde a fase colonial. Embora a historiografia brasileira tenha, por algum tempo, dado pouca ênfase a esse empreendimento, é sabido que o óleo, principal derivado da gordura do cetáceo, foi um dos principais itens da pauta de exportação da colônia lusitana. Em razão do seu alto valor econômico, durante esse tempo, a coroa portuguesa preocupou-se em mantê-lo sob o rígido regime de monopólio até início do século XIX.⁵

No limiar do século XVIII, a atividade baleeira no Brasil colonial e na pequena Ilha da Nova Inglaterra, de nome Nantucket, alcançaria o seu apogeu. Na colônia lusitana ela foi introduzida primeiramente em Itaparica, maior Ilha da baía de Todos os Santos, nos primeiros anos do século XVII, quando a Coroa Ibérica (época da união entre Portugal e Espanha), por meio do Rei Felipe III, autorizou, em 9 de agosto de 1602, os biscainhos Pêro de Urecha e o seu sócio Julião Miguel a caçar baleias em costas brasileiras pelo prazo de dez anos, a partir do dia de São João daquele ano até 1612. A Coroa buscava aproveitar a longa tradição e a

⁴ MELVILLE, Herman. **Moby Dick ou a baleia**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

⁵ Ver o pioneiro estudo de ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo: Edusp, 1968. Sobre arrematação de contratos e dos monopólios no Brasil colonial, ver OSÓRIO, Helen. As elites econômicas e a arrecadação dos contratos rurais: o exemplo do Rio Grande do Sul (século XVII). *In*: FRAGOSO, João.; BICALHO, Maria Fernanda.; GOUVEIA, Maria de Fátima. **O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (século XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, Cap. 3. Sobre o funcionamento da indústria baleeira no final do século XVIII, ver MAXWELL, Kenneth. **Chocolate, piratas e outros malandros: ensaios tropicais**. São Paulo: Paz e Terra, 1999; particularmente o capítulo “Pombal e a nacionalização da economia luso-brasileira”, p. 89-123.

experiência dos baleeiros biscainhos para implantar uma atividade econômica ocidental, antiga e lucrativa, na colônia americana.⁶

Com algumas semelhanças e singularidades, em Nantucket, ilha situada à frente da cidade litorânea de New Bedford, localizada na colônia de Massachusetts, a história da baleação surgiu décadas mais tarde, por iniciativa dos próprios colonos. Foi, no fim do mesmo século, por volta de 1690 e após tentativas frustradas, que pequenos baleeiros finalmente introduziram a arte de arpoar baleias. Isso ocorreu por meio de um contrato feito com um especialista procedente de Yarmouth (Nova Escócia), que estava em Cape Cod, Massachusetts.⁷ Três décadas mais tarde, aproximadamente 30 barcos dos ilhéus já estavam envolvidos na caça costeira de baleias, como faziam os britânicos estabelecidos em Cape Cod e no extremo leste de Long Sland desde a década de 1650, quando comerciavam óleo e ossos de baleia para Boston e Nova York.⁸

Dessa época em diante, tanto em Itaparica quanto em Nantucket, baleeiras caçaram espécies de cetáceos nas respectivas costas atlânticas durante um longo tempo. As suas histórias apontam mudanças, permanências e singularidades no método de capturar, processar e comercializar os seus derivados. O que era similar e o que era diferente nas duas promissoras ilhas atlânticas na atividade da baleação ao longo dos séculos XVIII e XIX, quando a economia capitalista se internacionalizava e quando o tráfico de escravos caminhava para o fim nos EUA (ela foi abolida legalmente em 1807), embora persistisse no Brasil por mais algumas décadas?⁹

Este ensaio expõe dimensões da atividade baleeira em duas partes do continente americano no final do período colonial e na época das independências e da formação dos estados nacionais americanos. Ele descreve também as conexões

⁶ ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo: EDUSP, 1968. p. 31-32.

⁷ Yarmouth é parte continental e litorânea da Nova Escócia, atualmente, essa região pertence ao Canadá. A Sua distância para Nantucket é de aproximadamente 27.437 milhas náuticas.

⁸ VICKERS, Daniel. The First Whalers of Nantucket. In: CALLOWAY, Colin. **After King Philip's War. Presence and persistence in Indian New World**. Hanover: University Press of New England, 1997. p. 92.

⁹ Sobre a abolição do tráfico de africanos escravizados para os Estados Unidos, ver HORNE, Gerald. **O Sul mais distante. Os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.; BERLIN, Ira. **Gerações de cativo. Uma História da escravidão nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

entre Estados Unidos da América e Brasil, focando a caça da baleia como o elo entre esses territórios num momento de grandes transformações históricas globais.

O final do século XVIII e princípios do XIX sinalizaram a penetração do poder econômico britânico na América do Sul e Central, por meio de um eficaz sistema de contrabando e posteriormente por meio do livre mercado, já no tempo das independências. A mudança de foco da política econômica britânica, doravante voltada para a distribuição de mercadorias industrializadas, proporcionou a expansão da baleação estadunidense em direção ao hemisfério sul, já que os baleeiros ingleses passaram a se preocupar mais com fomentar um comércio de tecidos e de outros produtos genuínos da Grã-Bretanha e não mais com caçar baleias nos mares do Atlântico. Mais tarde, os ingleses também estenderiam o seu raio de ação econômico em direção à costa do Pacífico, justamente numa época em que os baleeiros norte-americanos modernizavam a sua frota baleeira e ingressaram nesse oceano em busca dos grandes cachalotes (espécie de baleia mais valorizada dentre todas).¹⁰

Outros fatores contribuíram para esse avanço; eles serão destacados mais adiante. Por ora, é importante salientar que a compreensão desse processo histórico mais amplo se tornou possível mediante a interlocução continental que tem aproximado pesquisadores do Brasil, Peru, Argentina, Uruguai, Chile e Estados Unidos da América. Além disso, o escrutínio de fontes em arquivos digitais norte-americanos, disponibilizados on-line, bem como a consulta a documentos guardados no Arquivo Nacional de Santiago do Chile, permitiram avançar na perspectiva de uma história conectada entre essas nações que tiveram tradição da baleação e guardam importantes evidências desse vultoso empreendimento.¹¹

¹⁰ Sobre esse assunto, há uma bibliografia relativamente vasta. Citemos um estudo importante, apresentado no Simpósio de História Naval em Annapolis, los dias 20 al 22 de setiembre del 2007: MAXWORTHY, Christopher G. British whalers, merchants and smugglers, contraband trade on the Pacific coast of South America 1783-1810. **Derroteros de la Mar del Stir**, Lima (Peru); Madri (Espanha); Mulazzo (Itália); Paris (Francia), AFIO 15, n. 15, p. 77-86, 2007.

¹¹ Os arquivos digitais consultados são: <http://www.mysticseaport.org/>; <http://www.eganmaritime.org/>; <http://www.nha.org/sites/> <http://www.museumofthhistory.org/>; Arquivo Nacional de Santiago do Chile.

Com efeito, uma historiografia da baleação vai se constituindo aos poucos, e uma importante contribuição para se conhecer melhor uma dimensão da história da América ainda pouco visitada em seus aspectos particulares e globais.¹²

Baleação, escravidão e servidão na costa atlântica.

O período inicial da história da baleação no Brasil ocorre com a instalação de duas pequenas armações de caça e beneficiamento do óleo na ilha de Itaparica, uma no lugar denominado Ponta da Cruz, em 1612, e a outra na Ponta de Itaparica, em 1614. Após alguns anos, apareceram armações em Salvador, nas localidades da praia da Pituba, de Itapuã, do Rio Vermelho, da Pedra Furada, na Praia de Armação e nas proximidades do Forte de Santo Antonio da Barra. No extremo sul da capitania da Bahia, não foram implantadas armações de caça em Caravelas porque o ouvidor da Comarca de Porto Seguro desconsiderou a ordem do Marquês de Pombal para que ali fossem instaladas armações de caça e desmancho do animal, datada de 1763, por acreditar ser aquela região pobre em quantidade de baleias.¹³

No curso dos séculos XVII e XVIII, o empreendimento se expandiu rapidamente pelo litoral brasileiro, chegando ao litoral sul. Foram criadas as armações fluminenses (Rio de Janeiro) por volta de 1620, chegando ao litoral paulista (São Paulo) em 1734, para depois alcançar, em meados do século XVIII, as águas de Santa Catarina, que ficariam conhecidas como a área baleeira do Brasil meridional.¹⁴ Esse foi o ápice da expansão baleeira no Brasil. O rentável negócio movimentou um incrível montante em recursos financeiros para a construção naval, a compra de escravos, e a manutenção das estações baleeiras. Ela fomentou também um comércio interno dos derivados do cetáceo que, mais tarde, já em

¹² Ver os seguintes estudos: COMERLATO, Fabiana. **Análise espacial das armações catarinenses e suas estruturas remanescentes: um estudo através da Antropologia Histórica**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, PUCCRS, Porto Alegre, 1998.; DIAS, Camila Baptista. **A pesca da baleia no Brasil Colonial. Contratos e contratadores no Rio de Janeiro no século XVII**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2010.; CAVALCANTE FILHO, Antonio; RABAY, Guilherme Campelo. **Baleias: fatos e mitos**. João Pessoa: Ideia, 2010; DUARTE FILHO, Francisco Henrique; AGUIAR, José Otávio. Baleias e ecologistas na Paraíba: uma História do fortalecimento do movimento ambientalista e o debate sobre a crise da economia baleeira (1970-1980). **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, p. 116-142, janeiro/junho 2014.

¹³ APB – Biblioteca Pública. Diário Oficial do Estado da Bahia, Edição FAC-SIMILE. Edição Comemorativa ao Centenário da Independência da Bahia, 1923. p. 194.

¹⁴ ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo: EDUSP, 1968. capítulo 4.

meados do século XIX, quando os libertos passaram a controlar o pequeno comércio desses produtos nas principais cidades brasileiras, seria vital para a emancipação e melhoria das condições de vida de muitos negros que ainda viviam no cativeiro no Brasil. Isso porque muitos dos alforriados envolvidos no pequeno negócio dos derivados da baleia auxiliaram parentes e companheiros de cativeiro na compra de suas alforrias por meio do pecúlio.¹⁵

Assim como o pau-brasil, as espécies de baleia, como a jubarte (*Megaptera novaeangliae*), a minke (*Balaenoptera bonaerensis*), a baleia sei (*Balaenoptera borealis*), a baleia azul (*Balaenoptera Musculus*), a baleia fin (*Balaenoptera physalus*), a baleia de bryde (*Balaenoptera edeni*), a baleia franca-austral (*Eubalaena australis*) e o cachalote (*Physeter macrocephalus*), exceto o último, que se aproximavam do litoral brasileiro entre os meses de abril e outubro, logo foram consideradas pela Coroa “um peixe real”. Em 1614 foi estabelecido o monopólio. Somente por meio de alvará de concessão real, podia a baleia ser caçada na colônia, fosse por meio de empresa privada ou iniciativa individual. Esse monopólio perdurou até o início do século XIX, tendo sido extinto em 1801. Segundo Miriam Ellis, o sistema de monopólio, predominante por mais de 190 anos agora demonstrava sinais de decrepitude devido à incapacidade de a Fazenda Real impulsionar a baleação enquanto atividade econômica que exigia investimentos sistemáticos.¹⁶

No alvorecer do século XIX, a colônia também enfrentaria a concorrência dos baleeiros norte-americanos e britânicos e, de acordo com alguns críticos, um dos aspectos determinantes da crise no Brasil fora a consolidação dos monopólios. Esse regime de concessão engessou a dinâmica da caça e as formas de apresamento, por séculos, nas mãos de poucos homens de influência, junto ao governo metropolitano. Tal política impediu que houvesse inovação, injeção de investimentos e modernização do sistema de apresamento e industrialização

¹⁵ Uma pesquisa realizada sobre dois africanos que se tornaram baleeiros na ilha de Itaparica revelou a rede construída pelos libertos que se organizavam para alforriar os seus parceiros e parentes, além de ampararem aqueles que se encontravam em situação de dificuldades de sobrevivência. Ver CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. De cativos a baleeiros: uma amizade indissolúvel entre dois africanos no outro lado do Atlântico. (Itaparica, 1816-1886). **Revista Topoi**, Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 444-472, julho – dezembro de 2014.

¹⁶ ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo: EDUSP, 1968. p. 161.

porque os contratantes não sofriam nenhum tipo de pressão concorrencial. A tendência, nesse caso, era a natural acomodação, como de fato ocorreu.

Contra a concorrência agressiva e a interferência estrangeira, sobretudo a britânica, o Marquês de Pombal lutou no século anterior, a partir de 1750, quando assumiu a chefia dos negócios lusitanos. Um dos seus feitos, que visava proteger e dinamizar a industrialização do óleo da baleia, foi a criação da *Companhia de pescaria de baleyas nas costas do Brasil e Ilhas a ellas adjacentes*. Pombal, defensor da burguesia mercantil lusitana, parecia antever o que estava por vir algumas décadas depois.¹⁷

Nos mais de 250 anos de caça predatória à baleia, entre a era dos monopólios e depois da sua abolição, a atividade ganhou importância econômica. Os produtos derivados da baleia se tornaram gêneros de primeira necessidade para a sobrevivência dos moradores do Novo Mundo e deram lucros para os empresários. Os derivados tinham diversos usos que iam desde a alimentação à construção de casas e prédios. O óleo, produto extraído do derretimento da gordura, abastecia as lamparinas que iluminavam as casas, os engenhos, as próprias armações durante a faina noturna, as ruas das vilas e das cidades, além de ser substância apreciada para o combate ao reumatismo e a outras doenças, inclusive as de pele.¹⁸ Supõe-se que era também importante matéria-prima para a argamassa, e, segundo os relatos orais de moradores antigos das antigas vilas de pescadores, era comumente usada nas construções suntuosas e sofisticadas, particularmente as casas dos donos de armações e da administração municipal. Outrossim, os construtores de embarcações usavam essa substância para a calafetagem dos saveiros, das lanchas rápidas e das próprias chalupas utilizadas na perseguição à baleia.

A negociação do valorizado óleo em cidades, como Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, já no fim do período colonial, era intensamente disputada entre pequenos comerciantes, escravas de ganho e quitandeiras. Estas

¹⁷ Sobre isso, ver MAXWELL, Kenneth. **Chocolates piratas e outros malandros: ensaios tropicais**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Particularmente o capítulo “Pombal e a nacionalização da economia luso-brasileira”, p. 89-123.

¹⁸ Ver LAPA, José Roberto do Amaral. **A Bahia e a Carreira da Índia**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 105.

últimas eram frequentemente perseguidas pelas autoridades municipais daquelas urbes, pois eram consideradas concorrentes desleais dos comerciantes estabelecidos, que tinham influência política em âmbito local.¹⁹ Na Bahia, pesquisas recentes demonstraram a mesma intensidade da Câmara Municipal de Salvador na tentativa de proibir a ação dessas negras de ganho ou libertas nas praças do comércio da capital e das muitas vilas e cidades do interior. Elas eram sempre acusadas de combinar e majorar os preços do pescado e do óleo da baleia antes de vender aos consumidores.²⁰

De acordo com um antigo ditado de sabedoria popular, da baleia se aproveitava tudo, pois os seus derivados tinham infinitas utilidades. Dos ossos, sobretudo das costelas, construía-se cercas para os quintais e para a proteção das plantações: “em Itaparica todas as cercas dos pomares e das roças são feitas com ossos de baleia”, enfatizou o príncipe Maximiliano Wied-Neuwied.²¹ Das escápulas faziam-se objetos de decoração, móveis e assentos de banquinhos, sempre comercializados em praças, como a do mercado de Salvador. Das pás se faziam mesas, mas elas eram usadas também pelas lavadeiras como peças de apoio, nas proximidades das fontes e lagoas.

Toda a cadeia de negócios dos derivados da baleia iniciava com a sua caça. No Brasil, pelas próprias características na forma de apresamento costeiro e no interior de baías, as embarcações utilizadas eram as chalupas, botes muito parecidos com saveiros, embora com adaptações para os tipos de manobras empreendidas. Esses barcos eram tripulados, geralmente, por aproximadamente seis a oito negros escravizados, ou mesmo brancos nacionais ou estrangeiros, que eram os remadores. Havia ainda o cafuleteiro, o moço d’armas, o mestre, que controlava o leme e entoava a cantiga cadenciando o movimento dos marinheiros,

¹⁹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995. Ver também, VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no século XVIII**. V. 01, Salvador: Editora Itapuã, 1969. p. 127.

²⁰ SOARES, Cecília C. Moreira. **Mulher negra na Bahia no século XIX**. Salvador: EDUNEB, 2006. RUSSEL-WOOD, A. J. R. **Escravos e Libertos no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.; SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do Ouro: a pobreza mineira no século XVIII**. 4ª edição revista e ampliada, Rio de Janeiro: Graal, 2004.

²¹ WIED-NEUWIED, Maximiliano (príncipe). **Viagem ao Brasil nos anos 1815-1817**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958. p. 445.

um ou dois mergulhadores e, à frente, empunhando o arpão, o mais importante dos homens, o arpoador.

Era da perícia do arpoador que dependia toda a sorte da caça e, por isso, a escolha desse verdugo era bastante criteriosa. A maior parte desses empregados era composta de africanos e, dada sua importância no empreendimento, o arpoador desfrutava de certos privilégios. Conforme costume desenvolvido entre os caçadores do cetáceo, o baleote (filhote) pertencia a ele e dele se podia fazer o que quisesse. Esse tipo de premiação estimulou o apresamento das fêmeas e, associado ao fato de que elas estavam mais vulneráveis à perseguição das chalupas por conta dos cuidados para com os seus filhotes, os índices de abatimentos dessas tendeu a ser sempre superior ao dos machos.²² Ademais, os machos eram sempre mais velozes e conseguiam se desvencilhar das embarcações, mergulhando por mais tempo e se distanciando dos seus algozes. No decorrer os séculos, essa forma de caça seria um dos fatores que decretaria a decadência da baleação no Brasil por conta da diminuição da quantidade de animais presentes na costa brasileira.

Após serem abatidas nas águas de baías e litorâneas, as baleias eram rebocadas até as praias onde estavam instaladas as casas de desmancho, também conhecidas como armações ou contrato de baleias. O principal produto a ser imediatamente retirado, por meio do trabalho dos escravos magarefes que ficavam em terra, era o toucinho, o qual era fritado nas caldeiras de cobre, resultando no valioso “óleo de peixe”. A carne, considerada produto ordinário e de baixa qualidade, era geralmente destinada à alimentação dos escravos, e dos trabalhadores das armações, ou vendida às ganhadeiras, mulheres alforriadas que viviam do pequeno negócio dos derivados do cetáceo.²³ Em suas casas, elas a salgavam, moqueavam e, posteriormente, vendiam pelas ruas das cidades, como

²² A esse respeito, ver o estudo, sobre Santa Catarina, de COMERLATO, Fabiana. **Análise espacial das armações catarinenses e suas estruturas remanescentes: um estudo através da Arqueologia Histórica**. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, PUCRS, Porto Alegre, 1998. p. 67.

²³ KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de viagens e permanências nas Províncias do Norte do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1980. p.11. Ver também VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no século XVIII**. V. 01, Salvador: Itapuã, 1969.

em Salvador, e vilas do Recôncavo, e no Rio de Janeiro; por vezes a carne era distribuída gratuitamente entre a gente pobre da localidade.²⁴

Desde os primórdios da colonização e durante todo o período de existência da atividade da caça da baleia no Brasil, duas características foram marcantes: (I) a escravidão como base da mão de obra em todas as armações da colônia e da fase monárquica; e (II) a preponderância da caça em baías e em mares abrigados. Durante todo o período de existência da baleação no Brasil, o modo de apresamento esteve restrito à captura em enseadas e baías, a exemplo da de Guanabara e da de Todos os Santos, locais escolhidos pelas baleias para terem os seus filhotes e esperar o tempo suficiente para que eles tivessem forças para enfrentar a migração aos seus locais de origem. No Brasil, os empreendedores jamais modernizaram as embarcações no sentido de se afastarem do litoral e enfrentar alto mar em busca dos grandes cachalotes, como fizeram os norte-americanos, o que será explicado mais adiante. No momento, voltemos ao tema da escravidão para entendimento das relações de trabalho nas armações.

Quando se iniciou o tráfico de africanos escravizados para a América e até o fim desse comércio, calcula-se que foram transportadas para o continente americano, aproximadamente 10.200.000 pessoas, procedentes de diferentes regiões da África. Desses, aproximadamente 40% (4 milhões) vieram para o Brasil.²⁵ Muitos tiveram como destino final o trabalho nas armações de baleia. Em meados do século XVIII, para se ter uma ideia, uma única armação, dentre as cinco existentes na ilha de Itaparica, mantinha 420 trabalhadores. Desses, cerca de 80 eram escravos de propriedade do armador, mas havia outros alugados de terceiros.²⁶ Em Santa Catarina, no século XVII, aproximadamente 525 escravos trabalhavam nas armações locais.²⁷ Ao longo da fase colonial, a caça da baleia foi ampliada e, já nas primeiras décadas do século XVIII, calcula-se que entre 120 a

²⁴ ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo: Edusp, 1969. p.44.

²⁵ ELTIS, David. A participação dos países da Europa e das Américas no tráfico transatlântico de escravos. Novas evidências. **Revista Afro-Ásia**, Centro de Estudos Afro-orientais, Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador-Ba, v. 24, p. 9-50, 2000. p. 10-11.

²⁶ ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo: EDUSP, 1968. p. 43.

²⁷ CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. **Caçadores de baleia: armações, arpoadores, atravessadores e outros sujeitos envolvidos nos negócios do cetáceo no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2009. p. 80-81.

200 baleias eram capturadas, por temporada (entre 4 a 6 meses), apenas nas águas da Baía de Todos os Santos, a maior parte processada nas feitorias de Itaparica.²⁸

Os escravos destinados a viver e trabalhar nas armações de caça e no desmancho de baleias exerciam os mais variados e exaustivos ofícios da produção. No mar, eram encarregados de remar as chalupas e baleeiras, enfrentando marolas, tempo frio e desprendendo força para levar as embarcações próximas aos cetáceos.²⁹ Depois, conduziam-nas para a praia, rebocando as baleias mortas por meio de um cabo atado à sua calda. Eram arpoadores de baleia e mergulhadores que amarravam com corda a boca do animal morto, para que ele não afundasse.³⁰

Quando chegava em terra firme, toda a operação exaustiva de puxar o animal morto até a parte seca da praia ou içá-lo até o terraço da armação, também era feita pelos escravizados. Depois, vinha o ofício mais aprimorado dos afazeres em solo. Escravos magarefes, munidos de faquinhas, facões e chuços, despostavam, literal e pacientemente, a baleia, retirando-lhe a parte mais importante e lucrativa: o toucinho. Em seguida, carregavam os nacos grandes dessa gordura e encaminhavam para o interior das armações a fim de processá-la em frigideiras de cobre.³¹

Frederico Villar, um entusiasta militar que esteve na ilha de Itaparica nos primeiros anos do século XX, descreveu a prática de desmanchar baleias nas praias de Itaparica tal como fora relatada pelo viajante oitocentista Maximiliano de Habsburgo, quando esteve naquela ilha no ano de 1860 e deixou o maior registro de época.³² Sua descrição acerca da atuação dos trabalhadores em terra demonstra que, mesmo após o tempo dos monopólios e da crise provocada pela concorrência internacional, a caça prosseguiu em pequena escala e praticada pela gente pobre do lugar, de modo quase inalterado:

²⁸ CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. **Caçadores de baleia: armações, arpoadores, atravessadores e outros sujeitos envolvidos nos negócios do cetáceo no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2009. p. 43.

²⁹ Ver SPIX e MARTIUS. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. V. 02, São Paulo: Edusp, 1981. p. 139.

³⁰ KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de viagens e permanências nas Províncias do norte do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. p. 10.

³¹ TAVARES, J. J. S. A pesca da baleia no Brasil. **Broteria, Revista Luso Brasileira**. Fundada pelos Professores J. S. Tavares, C. Mendes e C. Zimmermann, Braga, v. XIV, 1916. p. 78.

³² HABSBURGO, Maximiliano de. **Bahia 1860: esboço de viagem**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1982. p. 153.

Logo que ahi chega é recebida a foguetes com grande gaudio de todos e é então entregue ao pessoal, que consta: do feitor-mor, que é quem administra e quem fabrica o azeite; do feitor da praia, encarregado da venda da carne; do mestre dos facões, que determina o serviço de separar a carne e o toucinho (que regula ter de 8 a 12 pollegadas de espessura); do mestre dos faquinhas, que corta a carne e a separa dos ossos, e finalmente dos facões, dos faquinhas que se ocupam em cortar a carne que ainda resta presa aos ossos.³³

No interior das armações, verdadeiros galpões herméticos, o trabalho também era fatigante. Numa atmosfera quente e abafada, as condições eram insalubres para os cativos. Durante a época das “safras de baleias”, entre os meses de abril a outubro, as fornalhas permaneciam acesas quase que ininterruptamente cozinhando os grandes talhos de toucinho. De longe, via-se a fumaça saindo pelas chaminés dos galpões de Itaparica, cujo funcionamento varava as madrugadas. Além de sujeitos às longas jornadas de trabalho e a temperaturas altíssimas, os cativos estavam expostos a acidentes, que provocavam, quando não a morte, a cegueira causada pelos pingos de gordura que salpicavam em seus olhos. Ocorria também a perda de movimentos ou a mutilação quando uma trempe de sustentação do tacho de cobre despencava, e toda a gordura quente caía sobre eles.³⁴

Perdia-se um número elevado de vidas humanas, tanto no trabalho no mar quanto em terra. Isso obrigava os senhores a repor sistematicamente a sua escravaria, uma vez que os homens pobres livres dificilmente aceitavam fazer esses serviços perigosos; o custo financeiro deles seria, supostamente, maior do que os custos de novos escravos. Isso foi relativamente fácil e vantajoso enquanto durou o tráfico de cativos e enquanto o número de baleias mortas por temporada era elevado, gerando altos lucros. Mas, a partir da primeira metade do século XIX, as coisas mudaram, com o advento de leis antiescravistas, com a concorrência

³³ VILLAR, Frederico. **Pelas indústrias da pesca no Brasil**. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. p. 171.

³⁴ No depoimento da personagem Dadinha, citada na obra de João Ubaldo Ribeiro, baseado em memórias de ex-escravos da ilha de Itaparica, a mesma relata tais acidentes no interior das armações de baleia. RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 73.

internacional, especialmente a norte-americana, e com a redução das populações de cetáceos.³⁵

Apesar da grande quantidade de aborígenes no litoral brasileiro, eles jamais foram recrutados compulsoriamente para trabalhar no empreendimento baleeiro. O argumento de que eles não tinham habilidades suficientes para remar e arpoar baleias poderia também ser aplicado, em certa medida, aos africanos, embora saibamos que esses últimos, sobretudo os grupos que habitam a baía do Espírito Santo e Inhambane (atual Estado de Moçambique), já dominavam a arte de matar baleias e comercializar alguns dos seus derivados em seu continente de origem.³⁶ Apesar da forte resistência indígena ao processo de exploração e das fugas em massa para o interior do território, não foram esses os motivos pelos quais eles não foram aproveitados como trabalhadores na baleação. Foram os interesses econômicos metropolitanos que falaram mais alto do que os valores supostamente humanitários e preconceituosos propalados pela Igreja e pela Administração Colonial.

Desde os primórdios da conquista da América, o governo metropolitano, juntamente com a Igreja Católica, formulou leis proibindo a escravização dos indígenas, para forçar o avanço do tráfico de africanos escravizados, pois era isso que conferia rentabilidade para a Coroa e para a Igreja. Conforme aponta Luiz Felipe de Alencastro, o governo metropolitano cobrava vários impostos sobre o direito de saída dos portos africanos e sobre o direito de entrada nos portos brasileiros. Mas, a Igreja também se beneficiava do tráfico, pois uma taxa era paga ao clero pelo batismo obrigatório de cada deportado nos portos de embarque.

³⁵ Sobre a presença de baleeiros norte-americanos na costa brasileira, ver BN – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Loc. II – 31,01,042. Documento sobre a pesca da baleia no Sul do Brasil e a presença de barcos pesqueiros de outras nações na costa de Santa Catarina (Santa Catarina e Rio de Janeiro 1820). O jornal *Gazeta da Bahia*, 1831, edição 25, página 4, traz matéria informando a presença de navios baleeiros estacionados na baía de Todos os Santos. Ver jornal *Gazeta da Bahia*, 1831, edição 25, página 4. Documento consultado por meio digital em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=815233&pasta=ano%20183&pesq=>>. Em 02 jan. 2015. Em relação à redução do número de cetáceos, ver ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo, Edusp, 1968. Capítulo V.

³⁶ SILVA, Alberto da Costa e. **A manilha e o Libambo: a África e a escravidão, 1500-1700**. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 740-741. Também, MACAGNO, Lorenzo. O discurso colonial e a fabricação dos usos e costumes: Antonio Enes e a “Geração 95”. In: FRY, Peter (Org.). **Moçambique. Ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. p. 61-90.

Além disso, existiam as franquias de exportação de escravos concedidas aos jesuítas e à Junta das Missões.³⁷

Por essas razões, o uso do braço escravo africano como principal força motriz de todo o processo produtivo da indústria baleeira brasileira conferiu a esta colônia lusitana nas Américas uma peculiaridade inexistente em qualquer outro lugar nos dois continentes. Isso nos remete à segunda peculiaridade da baleação em águas brasileiras: o predomínio da caça em águas de baía.

Desde o início dessa indústria, ela se notabilizou pelo caráter sedentário, lançando mão de formas bastante modestas de apresamento, o que consolidou um tipo de caça predominantemente litorânea e impediu que ela seguisse os exemplos dos pioneiros baleeiros holandeses e britânicos e, posteriormente, os norte-americanos, que se acostumaram a se lançar ao alto mar na perseguição aos cetáceos. Em parte, isso se explica pelo fato de ter havido, nos séculos iniciais da colonização, nos períodos de “safra”, grande quantidade de baleias nas baías da costa brasileira. Além disso, um fator aqui inexistente foi decisivo para a projeção e para a expansão dos baleeiros dos Estados Unidos no início do oitocentos: a descoberta da espécie cachalote, que nadava em águas profundas, afastados do litoral e cuja quantidade e qualidade de óleo e de um líquido chamado espermacete, localizado no seu crânio, atraíram cada vez mais os caçadores de Nantucket para o alto mar.³⁸ Desse modo, entre os séculos XVII e os meados do oitocentos, as formas de construir embarcações, de despostar as baleias em terra firme e de transformar o seu toucinho em óleo cozido permanecem praticamente inalteradas no Brasil.

Bem distintos foram esses dois fatores para o avanço da indústria baleeira na América do Norte, em particular na ilha de Nantucket. A atividade da baleação começou ali no século XVII, com um grande desafio para os colonos ali assentados por volta de 1660: encontrar mão de obra disponível para trabalhar como remadores nas embarcações que perseguiriam baleias nas águas gélidas e

³⁷ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico sul**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 35-36.

³⁸ ELLIS, Richard. **The great sperm whale**. University Press of Kansas, 2011.; PHILBRICK, Nathaniel. **Why read Moby-Dick**. Massachusetts: Viking Adult, 2011.; DOLIN, Eric Jay. **Leviathan: the history of whaling in America**. 1st. Edition. New York: W.W. Norton & Company, inc., 2007.

perigosas do golfo de Nantucket Sound, afastado cerca de 76 milhas do litoral de New Bedford (Estado de Massachusetts).

Assim como em outras regiões das Américas, a grande disponibilidade de terras férteis estimulava os colonos livres a buscar a sua independência como produtores autônomos e a não se submeter a determinados tipos de trabalhos nem a outros homens. Para Daniel Vickers, “o verdadeiro desafio para estes empreendedores iniciais era encontrar alguns homens que compreendessem as técnicas de caça, e, acima de tudo, recrutar um grupo maior para se encarregarem de remos”.³⁹ A alternativa foi o aproveitamento da mão de obra nativa. Todavia, embora os autóctones tirassem proveito dos derivados dos cetáceos que encalhavam nas praias da região, a exemplo de Plymouth até Long Sland, eles não sabiam sair embarcados para mar aberto a fim de caçar os grandes mamíferos.

Bem antes da chegada dos colonos britânicos, a população aborígine de Nantucket vivia basicamente de um sistema de plantação sazonal, da coleta de frutas e raízes, da caça em pequena escala e, principalmente, da pesca em lagos da ilha e do litoral oceânico, além da coleta de mariscos e crustáceos. Esse conjunto de atividades produtivas representava um confortável meio de sustento da comunidade indígena e na manutenção de uma rica dieta alimentar, sem a necessidade de se arriscar na aventura da caça ao cetáceo em mar aberto.⁴⁰

Como alterar radicalmente os seus modos de vida, introduzi-los no ramo da baleação, tornando-os submissos e obedientes nas duras jornadas da faina no mar e em terra? Como fazê-los aceitar os baixíssimos salários? Isso foi algo operado extraordinariamente pelos colonos europeus durante a ocupação da ilha a partir do século XVII. Com efeito, em menos de 50 anos, praticamente todos os remadores e trabalhadores que desempenhavam outras funções nas embarcações de caça de baleia costeiras eram índios. Essas mudanças resultaram em um processo catastrófico para o ambiente natural da Ilha e em outras regiões onde ocorreu a conquista europeia. Elas também resultaram na destruição da agricultura aborígine e da fertilidade do solo através do desmatamento e

³⁹ VICKERS, Daniel. *The First Whalemens of Nantucket*. In: CALLOWAY, Colin G (Edited). **After King Philip's War**. Presence and persistence in Indian New World, Hanover: University Press of New England, 1997. p. 90.

⁴⁰ *Ibid.*, p.91.

exposição da terra à ação dos ventos. Houve ainda a introdução e a expansão de doenças contagiosas que dizimaram parcelas significativas da população local para depois expropriá-las de suas terras e, em seguida, compeli-las aos trabalhos como “servos” economicamente dependentes dos brancos.⁴¹

Essa foi também uma história da incorporação pelos autóctones de padrões culturais do mundo ocidental, sobretudo a introdução de produtos manufaturados de origem continental no seio das comunidades aborígenes da ilha, transformando, radicalmente, as relações sociais entre os seus membros. No século XVII, os índios de Nantucket já negociavam, com comerciantes ingleses, peixes, penas, caça, mariscos e outros itens retirados da floresta e dos mares. Em troca, recebiam roupas, tecidos, sapatos, panos de lã, equipamentos de caça, pólvora e munição para tiros, anzóis, linha, cavalos e enxadas.⁴²

Mas, foi a expansão de crédito, expediente financeiro usado pelos colonos, o mecanismo determinante para a consolidação dos laços de dependência da população nativa a partir daquele século. Por último, o uso do álcool ajudou no controle da mão de obra da população indígena; em fins do período colonial, a bebida alcoólica era uma fonte importante de endividamento dos nativos. Uma vez encalacrados, a única coisa que os nativos tinham a oferecer para saldar as suas dívidas era a sua mão de obra.

Assim, configuradas as relações de dependência, a baleação encontrou o fator de produção mais valioso e escasso em Nantucket. Foi dessa forma que, em poucas palavras, os colonos ingleses conseguiram constranger a população aborígene e forçá-la a trabalhar como remadora nas baleeiras, uma das tarefas renegadas pelos brancos na caça costeira de baleias. Mas, esse processo não foi tão simples e rápido. Até a primeira metade do século XVIII, alguns índios permaneceram autossuficientes e capazes de impor as condições em que trabalhariam. Outros, porém, mergulharam num sistema de dependência por dívida e se viram obrigados a trabalhar como servos dependentes. Essa lógica só seria alterada nos fins do século XVIII, quando uma massa de negros libertos,

⁴¹ Ibid., p. 98-99.

⁴² Ibid., p.99.

procedentes das áreas escravistas, começou a substituir os aborígenes em vias de extinção.⁴³

Assim é que, durante dois séculos de atividade em duas localidades americanas distantes entre si, a caça da baleia se desenvolveu com certas peculiaridades e praticamente sem nenhum tipo de contato ou troca de experiências. Cada colônia, portanto, manteve ligações econômicas e comerciais com um vigoroso mercado regional interno, com as suas metrópoles e, parcialmente, com o restante do ocidente. Na virada do século XIX, porém, a expansão da atividade baleeira da emergente nação estadunidense conectou definitivamente os baleeiros do Norte com as demais áreas das Américas e redefiniria o mapa da produção de óleo do cetáceo em nível global. É isso que veremos a seguir.

1. A internacionalização da baleação: a procura dos grandes cetáceos

A partir da primeira metade do século XVIII, o valor do óleo de baleia, guardado em barris de carvalho, começou a subir no mercado norte-americano. Isso coincidiu com a descoberta, feita pelos habitantes de Nantucket, de uma espécie de baleia, o cachalote, que frequentava águas oceânicas distantes da terra firme e que não se aproximava dos golfos. Esse comportamento da espécie modificou radicalmente a forma de caçar baleias, o tipo de embarcações empregado, a forma de processar o óleo e a prioridade na escolha da espécie a ser perseguida. Acompanhar a trajetória da baleação nas duas regiões, no curso do século XVIII e nas primeiras décadas do oitocentos, pode explicar como a expansão da baleação norte-americana impactou o empreendimento baleeiro no Brasil.

Por volta de 1715, a descoberta do cachalote impôs inovação na forma de apresar e processar o óleo do cetáceo e impulsionou os caçadores de Nantucket para mares cada vez mais afastados da costa norte-americana. Se nos primeiros tempos a caça às baleias francas se concentrou na parte costeira dos Estados Unidos, já nas primeiras décadas no século XVIII, a caça aos rápidos cachalotes, que habitavam o mar aberto do Atlântico Norte, se tornou a rotina preferida.

⁴³ Ibid., p.108.

Embora fosse menor do que as baleias francas, os cachalotes rendiam um óleo de melhor qualidade que o dos demais cetáceos. A sua cabeça equivale a um terço do seu peso total. Conforme assevera Nathaniel Philbrick: “A parte superior da cabeça contém uma cápsula, uma cavidade que abriga até 1800 litros de espermacete, um óleo claro de alta qualidade que se solidifica parcialmente quando exposto ao ar”.⁴⁴

A busca pelos cachalotes deu à Ilha de Nantucket o *status* de um dos mais proeminentes e promissores redutos de caçadores de baleia e fez daquela ilha uma das mais ricas regiões dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XIX.⁴⁵ Esse processo foi iniciado ainda no século XVIII quando os baleeiros, navegando por águas cada vez mais distantes, resolveram empacotar a gordura das baleias, em alto mar, e enviá-la para terra firme a cada três ou quatro semanas, para ser cozida nas feitorias litorâneas. Em pouco tempo, porém, embarcações cada vez maiores continuaram se afastando do litoral e levavam consigo recipientes de cozimento instalados em caixas de tijolos situadas no convés do barco.

Começou, assim, o processo de industrialização do óleo de baleia em mar aberto, solução que levaria os caçadores de baleia de Nantucket a mares cada vez mais longínquos de sua terra natal. Na segunda metade do século XVIII, os baleeiros nantucketenses já abasteciam o comércio interno norte-americano e exportavam os derivados da baleia para outras partes das Américas, suplantando, inclusive, nações tradicionalmente envolvidas na baleação, a exemplo da Holanda e da França. Pouco antes da independência dos Estados Unidos, esses baleeiros eram motivos de orgulho para as demais colônias e despertavam preocupação da matriarca Grã-Bretanha, interessada em controlar e tributar esse rentável negócio. Segundo Dolin:

(...) de 1771 até 1774, [houve] uma série excepcional de produtividade e lucro anuais. Portos coloniais tinham enviado anualmente uma média bruta de 360 baleeiras, com uma capacidade de carga de 33.000 toneladas. Os cinco mil homens que tripulavam estes navios trouxeram de volta, consigo, cerca de 45.000 barris de óleo de espermacete (cachalote), 8.500 barris de óleo de baleia, e 75.000 libras de ossos de

⁴⁴ PHILBRICK, Nathaniel. **A Vingança da baleia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 54.

⁴⁵ Ibid., p. 15.

baleia (barbatana) em cada ano. Estes produtos tinham, por sua vez, abastecido um ativo negócio nacional e internacional que fez dos baleeiros coloniais o orgulho das colônias e a inveja de todas as outras nações baleeiras.⁴⁶

Não é de se admirar que, um ano depois, em 1775, Edmund Burke, eminente filósofo e estadista britânico, destacaria, em discurso no parlamento inglês, a prodigiosa e expansiva indústria baleeira de Nantucket, cujas façanhas narrou da seguinte forma:

Sabemos que, enquanto alguns deles imponham limite e ataquem com o arpão, na costa da África, outros percorrem distâncias, e perseguem a sua caça gigantesca ao longo da costa do Brasil. Nem a perseverança da Holanda, nem a atividade da França, nem a sagacidade hábil e firme da empresa britânica, realizou este modo mais perigoso da robusta indústria da forma que foi conduzida por este povo recente; um povo que está ainda como era, ou seja, na cartilagem, e ainda não endurecido dentro do osso da idade adulta.⁴⁷

Nas primeiras décadas do século XIX, portanto, a indústria baleeira norte-americana alcançou uma expansão extraordinária e de suma importância econômica para uma nação em construção. É nesse contexto que devemos entender a expedição de Charles Wilkes, a qual teve, entre outras finalidades, a de esquadrihar os oceanos, principalmente o Pacífico, fornecendo o mapa das rotas das baleias migratórias para que os baleeiros pudessem encontrá-las em alto mar.⁴⁸ Com o propósito de traçar essas cartas geográficas para os tradicionais baleeiros da região de Massachussets, - New Bedford, Nantucket, Maine, Beltime, New York, Boston, Salen, Portland -, Charles Wilkes partiu de Norfolk, com sua expedição, rumo ao mais longínquo Pacífico. Dez anos haviam se passado desde o dia em que cidadãos da ilha de Nantucket escreveram um documento ao Congresso norte-americano reivindicando uma expedição de grande magnitude para tal finalidade. Durante a viagem do desconhecido, em seu diário de bordo, Charles

⁴⁶ DOLIN, Eric Jay. **Leviathan: The history of whaling in America**. 1st Edition, New York: W. W Norton & Company, Inc., 2007. p.136.

⁴⁷ Ibid., p.145.

⁴⁸ PHILBRICK, Nathaniel. **Mar de Glória: viagem americana de descobrimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 139. Também, JUNQUEIRA, Mary Anne. Charles Wilkes, a U. S. Exploring Expedition e a busca dos Estados unidos da América por um lugar no mundo (1838-1842). *Revista Tempo*. Revista do Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, v. 13, n. 24, p. 120-138, jul. de 2008.

Wilkes registrou quais eram os objetivos do empreendimento. Nataniel Philbrick, historiador de Nantucket, contextualizou historicamente a expedição:

(...) um dos principais objetivos da expedição era fornecer cartas náuticas para os baleeiros da nação. Os Estados Unidos possuíam, de longe, a maior frota baleeira do mundo. Ao contrário dos navios mercantes europeus, que usavam o Pacífico como uma via de passagem de um lugar a outro, os baleeiros seguiam os erráticos movimentos dos cachalotes por toda a vastidão do maior oceano do planeta. As vastas distâncias que percorriam exigiam que os capitães dos baleeiros buscassem provisões nas ilhas da Polinésia.⁴⁹

Porém, antes mesmo de ingressarem no Pacífico, os baleeiros americanos investiram pesadamente em várias partes do litoral brasileiro e despertaram preocupação às autoridades coloniais. Para ser mais exato, eles já vasculhavam o litoral brasileiro em busca de baleias bem antes da expedição comandada por Wilkes zarpar de Norfolk em 1838. Eram esses os resultados de uma política econômica deliberadamente voltada para o expansionismo da baleação e de uma sofisticada frota de navios-indústrias baleeiros, aperfeiçoados desde o final do século XVIII, agora capazes de permanecer por até quatro anos distante de seu porto.⁵⁰

Com razoável grau de segurança, pode-se dizer que todo o processo de aprofundamento da crise baleeira no Brasil esteve relacionado a esse fenômeno e a um processo histórico muito mais amplo. Por volta de 1820, a conjuntura internacional também contribuiu para a decadência dessa atividade no Brasil. Isso se deveu às mudanças no cenário político e econômico mundial. Na virada para o século XIX, os EUA emergiam como potência econômica e se apresentavam como referência de nação para os territórios de dominação ibérica em vias de libertação.⁵¹

⁴⁹ PHILBRICK, Nathaniel. **Mar de Glória. Viagem americana de descobrimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.139.

⁵⁰ LEVITT Steven D.; DUBNER, Stephen J. **Super freakonomics. O lado oculto do dia a dia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 130.

⁵¹ Ver WASSERMAN, Cláudia (Coord.). **América Latina: cinco séculos**. 2ª edição, Porto Alegre: UFRGS, 2000.; BONILLA, Heráclito. O impacto da Revolução Francesa nos movimentos de independência da América Latina. In: COGGIOLLA, Osvaldo (Org.). **A Revolução Francesa e seu impacto na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1990. p. 151-157.

Entre as décadas de 1830 e 1848, os EUA ampliaram a sua influência em algumas partes do subcontinente americano e passaram a investir sistematicamente na indústria naval, no mapeamento das regiões de bacias hidrográficas, como a do Amazonas e a do Prata, e no conhecimento científico como forma de alavancar o seu desenvolvimento econômico para, assim, participar das novas oportunidades de negócios no Atlântico e, mais tarde, para dominar e extrair a riqueza no mar do Pacífico. Mary A. Junqueira defende a tese de que o interesse dos EUA pela América Latina antecedeu à guerra com o México e ultrapassou os limites do Caribe e América Central. O empenho norte-americano na região foi muito além das intervenções militares conhecidas e esteve relacionado em conhecer, mapear e aprender as possíveis possibilidades comerciais do continente.⁵² Particularmente, havia um interesse específico que falava alto nas primeiras décadas do oitocentos e a expedição de Charles Wilkes partiu para atendê-lo. Nas palavras de Junqueira:

O primeiro objetivo da expedição era o mapeamento de costas e ilhas e identificação de portos seguros com o intuito de assegurar a navegação dos veleiros comerciais norte-americanos. Em particular o trânsito dos baleeiros que saíam em busca do cetáceo do qual extraíam um lucrativo óleo para a iluminação.⁵³

Desde o começo, o sucesso do empreendimento da baleação dependeu e foi resultado da modernização da frota naval americana. Umbilicalmente atrelados, essa gigante empresa também manteve uma estreita ligação com o comércio escravagista, por meio de alguns homens e empresas envolvidas nos mesmos negócios. Isso é particularmente surpreendente e requer atenção especial em futuras pesquisas nos arquivos dos Estados Unidos, para tratar dessa questão de maneira minuciosa e arguta.

Até o momento, estudos recentes já demonstram, parcialmente, a dinâmica histórica na América do Norte onde construção naval, comércio de escravos e empreendimento baleeiro estiveram vinculados.⁵⁴ Dale Graden pesquisou a

⁵² JUNQUEIRA, Mary A. Science, techniques, and U.S. naval expeditions toward Latin America. (1838-1901). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, jul/dez 2007, p. 335.

⁵³ *Ibid.*, p. 338.

⁵⁴ Sobre isso é importante destacar o estudo de MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Brasil a vapor: raça, ciência e viagem no século XIX**. Tese apresentada para o concurso de Livre-

importância da indústria naval norte-americana e a participação de comerciantes norte-americanos no tráfico de escravos para o Brasil e Cuba, no século XIX.⁵⁵ Embora houvesse norte-americanos há muito tempo envolvidos no tráfico de africanos escravizados, a novidade nas décadas de 1830, 1840 e, principalmente, em 1850 é que eram os baleeiros, entre eles os nantucketenses, os envolvidos nesse infame comércio, usando a bandeira americana em mar alto com o objetivo de burlar o patrulhamento britânico antiescravista. Com o aprofundamento da participação dos baleeiros no tráfico de africanos escravizados na década de 1850, algumas mudanças ocorreram. Gerald Horne chamou a atenção para essas alterações que estiveram também articuladas à própria mutação da tripulação e dos objetivos das frotas:

Na Nova Inglaterra, a caça às baleias teve seu auge durante a década de 1835-1845, depois entrou em declínio. Ao mesmo tempo, as tripulações, antes formadas “quase inteiramente de americanos”, começaram a mudar; houve uma “substituição regular de afro-americanos e afro-indígenas por imigrantes europeus, principalmente portugueses. Esse foi “o estímulo para a primeira leva” de “imigrantes (lusófonos) na década de 1850, a maioria com destino a New Bedford”. Tal substituição ocorreu no momento em que a frota baleeira estava sendo convertida em frota escravista; baleeiros “costumavam participar do tráfico de escravos. Às vezes se equipavam em New Bedford ou no estreito de Long Island, ostensivamente, para a caça mais nobre, mas, sem que os tripulantes soubessem”, a expedição se transformava em caça de escravos.⁵⁶

Esse ponto é chave para o entendimento do argumento inicial do presente texto: a conexão dos Estados Unidos com o restante do globo, e em particular a sua penetração na América do Sul, foi resultado da articulação entre tráfico de escravos, expansão da caça ao Cachalote e a exportação dos seus derivados, molas propulsoras da economia norte-americana nas primeiras décadas do século XIX. Essas lucubrações sugerem pesquisa mais detidas nas fontes específicas para identificar os agentes norte-americanos que estiveram envolvidos nesse comércio

Docência, Disciplina: História do Quotidiano, Departamento de História, FFLCH-USP, São Paulo, agosto de 2005.

⁵⁵ GRADEN, Dale T. O envolvimento dos Estados Unidos no comércio transatlântico de escravos para o Brasil, 1840-1858. **Revista Afro-Ásia**, Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO/UFBA, Salvador, n. 35, 2007.

⁵⁶ HORNE, Gerald. **O sul mais distante. Os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 20.

e atuaram em praças de cidade brasileiras, mas essa questão será tratada em outra oportunidade, pois aqui ela foge aos limites desse ensaio.

Para efeito de síntese dos fatos relacionados a isso, cabe salientar o modo como a ação dos norte-americanos foi percebida pelas autoridades e os agentes da baleação no Brasil. Desde o início de 1800, a administração colonial lusitana trocava correspondência com autoridades da vila do porto da ilha de Santa Catarina, orientando as forças locais costeiras a patrulhar o litoral catarinense até o rio da Prata “a fim de fazer afastar daqueles mares os navios estrangeiros empregados na pesca volante das baleias, e conservando-se nesta diligência por espaço de dois meses”, assim ordenou o Conde dos Arcos, no ano de 1807.⁵⁷

Em julho de 1820, o mesmo Conde dos Arcos escreveu uma correspondência, endereçada às autoridades daquela região, levantando suspeita de que os contratadores do azeite de baleia locais mantinham uma relação de cumplicidade para com os baleeiros contrabandistas americanos. Toda essa querela advinha da ação e presença dos navios-indústrias nortistas que caçavam baleias em quase toda a costa brasileira. No caso de Santa Catarina, eles argumentavam ser aquela área passagem obrigatória em direção à Patagônia, por isso transitavam por aquelas águas.

Mais tarde, quando os “novos administradores da pesca da baleia” de Santa Catarina assumiram suas funções, imediatamente eles subscreveram à majestade imperial portuguesa solicitando providência no sentido de coibir um artifício falso que, segundo os signatários, os baleeiros americanos usavam para justificar a sua presença na região:

...não podem apresentar o pretexto de entrada de navios naquele porto de Santa Catarina, para irem a pesca da Patagônia, porque esta começa em novembro, e não deve estornar a pesca portuguesa que finda em setembro.⁵⁸

⁵⁷ BN - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Loc. II – 31, 01,042. Documento sobre a pesca da baleia no Sul do Brasil e a presença de barcos pesqueiros de outras nações na costa de Santa Catarina (Santa Catarina e Rio de Janeiro 1820).

⁵⁸ BN - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Loc. II – 31, 01,042. Documento sobre a pesca da baleia no Sul do Brasil e a presença de barcos pesqueiros de outras nações na costa de Santa Catarina (Santa Catarina e Rio de Janeiro 1820). Contadoria Geral da 2ª Repartição do Real Erário.

Pela natureza dessa importante correspondência, nota-se o aumento das tensões na região e uma apreensão da parte dos investidores brasileiros da indústria baleeira, uma vez que, segundo eles, a presença norte-americana promovia uma série de “transgressões”, além da desleal concorrência no apresamento dos mamíferos. Ainda de acordo com o que relatavam os membros da *Administração da Pesca da Baleia de Santa Catarina*:

Se não se dé uma enérgica providência, para embaraçar que os ingleses americanos e outros estrangeiros pesquem nas nossas costas, sem dúvida ficará arruinada a pescaria das baleias da qual tiramos vantagens. O meio mais eficaz será o de garantir-se, que os administradores desta pescaria possam armar, a sua custa, uma embarcação, para proteger a sua pescaria e embaraçar os estrangeiros a façam nos lugares onde só devendo fazê-la, sendo o comandante autorizado competentemente, para fazer retirar as embarcações estrangeiras, que se acharem pescando nas nossas costas, e para os conduzir aos nossos portos, no caso de resistência...⁵⁹ (SIC)

As denúncias que pesavam contra os americanos na região do Brasil meridional não se restringiam apenas à caça de baleias, embora esse fosse o maior problema na ótica dos contratadores brasileiros. Na sequência da correspondência, endereçada ao governo do Rio de Janeiro, os administradores catarinenses afirmavam coisas mais graves, além de avisar que reuniam provas das acusações:

... pescando-o nas suas lanchas, entrando diariamente no dito porto a frigi-lo e fazendo as suas transações com o contrabando de fazendas, e de azeite, além de permitirem a fuga de escravos do povo, juntando os ditos atuais administradores documentos para prova do referido, e pedindo a necessária providência para acautelar semelhantes extorsões, e total ruína da mesma praça, visto que é proibido os mesmos estrangeiros pescarem nas costas do mar de qualquer outra nação...⁶⁰

As evidências contidas nesse inédito documento, arquivado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, anunciam a política expansiva americana e também aludem ao fato de que, para além da caça de baleias, os nortistas também se envolviam em outros negócios, conforme salientaram os autores do documento em

⁵⁹ BN - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Loc. II - 31, 01,042. Documento sobre a pesca da baleia no Sul do Brasil e a presença de barcos pesqueiros de outras nações na costa de Santa Catarina (Santa Catarina e Rio de Janeiro 1820).

⁶⁰ BN - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Loc. II - 31, 01,042. Documento sobre a pesca da baleia no Sul do Brasil e a presença de barcos pesqueiros de outras nações na costa de Santa Catarina (Santa Catarina e Rio de Janeiro 1820).

anexo. Até o presente momento essa pesquisa não reúne material suficiente para afirmar que os americanos estavam praticando contrabando de tecidos e incentivando a fuga de escravos em outras regiões do Brasil. Mas, de uma coisa não se tem dúvidas: a política deliberada da baleação na costa brasileira seguiu em frente no curso do dezenove. Em 2 de outubro de 1858, por ocasião de alguns corriqueiros desastres marítimos na região do extremo sul da Bahia, uma correspondência endereçada ao Presidente da Província da Bahia e ao capitão de Fragata e do Porto, salientava, dentre outras coisas, o seguinte:

... em 1º lugar terem-se soçobrado, no porto daquela cidade às 7 horas da noite do dia 6 de setembro próximo passado os 2 Patachos Nacionais “Bom Conselho” e “Simpatia”, tendo sido suspensos depois de 3 dias com alguma avaria, e em 2º lugar, que a tripulação de um iate americano, que se achava nas ilhas de Abrolhos pescando baleias, saltava em terra, e destruíra a plantação, que ali mandara fazer a estação naval desta Província, o que tudo julguei meu dever levar ao conhecimento de Vossa Excelência não só para ciência da 1ª parte, como para que V. Exª se digne tomar a 2ª no grau de consideração que julgar merecer.⁶¹

Dez meses depois, a Capitania do Porto da Bahia enviaria uma correspondência à Câmara Municipal da cidade de Canavieiras informando a ciência de tais fatos e que as autoridades baianas iriam adotar providências cabíveis para coibir atitudes consideradas abusivas dos americanos.⁶² Não se sabe se isso resultou em alguma ação prática, mas o fato é que já por volta de 1860, segundo uma fonte oficial, os nativos haviam expulsado os baleeiros norte-americanos e se apoderado da estrutura por eles ali montada.⁶³

Os norte-americanos controlaram, parcialmente, não só o comércio exterior do óleo de baleia, mas também movimentaram uma indústria baseada na extração das várias partes do cetáceo. Com a descoberta do petróleo, em 1859, essa indústria declinaria, mas os feitos dos baleeiros serviram de inspiração para obras literárias que marcaram época, dada a incrível aproximação entre ficção e realidade. Quando Herman Melville concluiu *Moby Dick*, o mais importante de

⁶¹ APB – Presidência da Província da Bahia/Polícia do porto. 1851-1875. Seção Colonial Provincial, maço 3150.

⁶² APB – Presidência da Província da Bahia/Polícia do porto. 1851-1875. Seção Colonial Provincial. Maço 3150.

⁶³ APB – Biblioteca Pública. Diário Oficial do Estado da Bahia. Edição FAC-SÍMILE. Edição comemorativa ao centenário da Independência da Bahia, 1923.

todos os romances norte-americanos do século XIX, no ano de 1851, a ambiciosa nação estadunidense já possuía a mais avançada indústria baleeira do mundo, suplantando inclusive a sua matriarca, a Inglaterra, e a sua frota naval já percorria os mais longínquos mares do globo na busca dos cetáceos. Apenas para se ter uma noção dessa monstruosa indústria de caça marítima, dos 900 navios baleeiros registrados no mundo, espalhados pelos oceanos, nada menos do que 735 eram americanos. Entre os anos 1835 e 1872, esses navios retiraram dos mares 300.000 baleias, média superior a 7.700 por ano.

Tal empreendimento era extremamente perigoso, mas a sede de riqueza que impulsionava os americanos suplantava o temor de acidentes como aquele que pôs fim ao Essex em 1820.⁶⁴ Segundo cálculos da época, nos bons tempos de “safra”, a receita total, oriunda do óleo e do osso, excedia a US\$ 10 milhões, equivalentes hoje a cerca de US \$ 20 milhões. Além de grandes lucros, pois a caça de baleia constituía o quinto maior setor econômico dos Estados Unidos, essa indústria chegou a empregar cerca de 70.000 pessoas dos mais diferentes extratos sociais.⁶⁵

Considerações finais

Nas primeiras décadas do século XIX, a política expansionista baleeira norte-americana, cujos centros irradiadores foram Nantucket e New Bedford, resultou na consolidação de uma extraordinária fortuna para os seus empreendedores e projetaram a nação estadunidense como a região com a maior concentração de baleeiros do globo.⁶⁶ Na primeira metade do dezenove, até os anos 1830/40 mais precisamente, os americanos estenderam o seu raio de ação à costa atlântica e chegaram a dominar os mercados brasileiros. Por volta de 1817, o Rio de Janeiro já importava “azeite de peixe” para suprir as necessidades da

⁶⁴ PHILBRICK, Nathaniel. **A Vingança da baleia**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

⁶⁵ LEVITT, Steven D.; DUBNER, Stephen J. **Super Freakonomics: o lado oculto do dia a dia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 130.

⁶⁶ Em 1841 os norte-americanos tinham 600 embarcações com 13 mil homens empregados na “pesca da baleia” nos mares do sul. In: BOITEUX, Lucas A. **A vida marítima catarinense. Cap. XV: a pesca da baleia**. O Estado, 17/10/1916, Nº 433.

população da capital da Corte, prova evidente do declínio da produção endógena e da força do comércio norte-americano no Brasil.⁶⁷

Mais adiante, já de posse das coordenadas fornecidas pelas expedições científicas e exploratórias, os baleeiros norte-americanos adentraram o mar do pacífico e seguiram em direção ao oriente. Eles estavam obstinados a caçar os grandes cachalotes que grassavam por aqueles mares em quantidade significativa, como até os dias de hoje o fazem. Com efeito, estabeleceram feitorias em locais pontuais e mantiveram contatos com os nativos, a exemplo do que fizeram na costa chilena e mais adiante na costa peruana. Daniel Quiroz afirma, contudo, que bem antes, em fins do século XVIII, eles já se faziam presentes nos mares do Chile.⁶⁸

Em uma recente mirada e posterior digitalização dos documentos oficiais, contidos no Arquivo Nacional do Chile, foi possível ampliar o conhecimento da atuação da empresa baleeira norte-americana na costa do Pacífico no curso do século XIX. Ademais, o acesso a um considerável acervo bibliográfico e uma interlocução estabelecida com pesquisadores do Peru e do Chile, contribuíram para o entendimento de uma questão central: a caça da baleia, em particular aos grandes cetáceos que nadam em águas profundas, conectou diferentes partes da América. Essa conexão não foi uma relação simétrica, de trocas de conhecimentos e intercâmbios amistosos. Ela revelou o caráter agressivo e ambicioso de um empreendimento comercial que nascera modestamente numa pequena ilha da colônia britânica e sob um auspicioso plano de exploração da mão de obra indígena – que trouxe o seu conseqüente extermínio –, ganhou impulso, tornando-se uma atividade de dimensões internacionais à medida que eles sobrepujavam as demais regiões. Mas, embora tentador e empolgante, esse assunto de grande magnitude será tratado com bastante cuidado em outra oportunidade.

Referências bibliográficas:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico sul**. 4ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

⁶⁷ ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil Colonial**. São Paulo: Edusp, 1968. p.192.

⁶⁸ Por volta de 1792, cerca de 40 baleeiros estavam estacionados na costa chilena, na altura de Valparaíso. Desses, a maior parte era americano. Ver, LARREA, Daniel Quiroz. **Cazadores tradicionales de ballenas em la Costa de Chile (1850-1950)**. Andros Impresores, Júlio 2012.; LARREA, Daniel Quoriz.; CARREÑO, Gastón. El último sueño del Capitán “Adolfus” Andresen: La caza ballenas em aguas Megallánicas (1933-1935). **Megallania**, Chile, 2010, v. 38, n. 1, p. 37-60.

BERLIN, Ira. **Gerações de cativo. Uma História da escravidão nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BOITEUX, Lucas A. **A vida marítima catarinense. Cap. XV: a pesca da baleia**. O Estado, 17/10/1916, Nº 433.

BONILLA, Heráclito. O impacto da Revolução Francesa nos movimentos de independência da América Latina. *In*: COGGIOLLA, Osvaldo (Org.). **A Revolução Francesa e seu impacto na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1990.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. De cativos a baleeiros: uma amizade indissolúvel entre dois africanos no outro lado do Atlântico. (Itaparica, 1816-1886). **Revista Topoi**, Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, v. 15, n. 29, Rio de Janeiro, julho – dezembro de 2014.

—. **Caçadores de baleia: armações, arpoadores, atravessadores e outros sujeitos envolvidos nos negócios do cetáceo no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2009.

CAVALCANTE FILHO, Antonio; RABAY, Guilherme Campelo. **Baleias: fatos e mitos**. João Pessoa: Ideia, 2010.

COMERLATO, Fabiana. **Análise espacial das armações catarinenses e suas estruturas remanescentes: um estudo através da Antropologia Histórica**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, PUCCRS, Porto Alegre, 1998.

DIAS, Camila Baptista. **A pesca da baleia no Brasil Colonial. Contratos e contratadores no Rio de Janeiro no século XVII**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2010.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DOLIN, Eric Jay. **Leviathan: the history of whaling in America**. 1st. Edition. New York: W.W. Norton & Company, inc., 2007.

DUARTE FILHO, Francisco Henrique; AGUIAR, José Otávio. Baleias e ecologistas na Paraíba: uma História do fortalecimento do movimento ambientalista e o debate sobre a crise da economia baleeira (1970-1980). **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, janeiro/junho 2014.

ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo: Edusp, 1968.

ELLIS, Richard. **The great sperm whale**. University Press of Kansas, 2011.

ELTIS, David. A participação dos países da Europa e das Américas no tráfico transatlântico de escravos. Novas evidências. **Revista Afro-Ásia**, Centro de Estudos Afro-orientais, Universidade Federal da Bahia-UFBa, Salvador-Ba, v. 24, p. 9-50, 2000.

GRADEN, Dale T. O envolvimento dos Estados Unidos no comércio transatlântico de escravos para o Brasil, 1840-1858. **Revista Afro-Ásia**, Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO/UFBa, Salvador, n. 35, 2007.

HORNE, Gerald. **O Sul mais distante. Os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HABSBURGO, Maximiliano de. **Bahia 1860: esboço de viagem.** Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1982.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Charles Wilkes, a U. S. Exploring Expedition e a busca dos Estados Unidos da América por um lugar no mundo (1838-1842). **Revista Tempo**, Revista do Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, v. 13, n. 25, jul.de 2008.

_____. Science, techniques, and U.S. naval expeditions toward Latin America. (1838-1901). **Varia História**, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, jul/dez, 2007.

KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de viagens e permanências nas Províncias do Norte do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1980.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A Bahia e a Carreira da Índia.** São Paulo: Hucitec, 2000.

LARREA, Daniel Quiroz. **Cazadores tradicionais de ballenas em la Costa de Chile (1850-1950).** Andros Impresores, Júlio 2012.

_____.; CARREÑO, Gastón. El último sueño del Capitán “Adolfus” Andresen: La caza ballenas em aguas Megallánicas (1933-1935). **Megallania**, Chile, v. 38, n. 1, 2010.

LEVITT Steven D.; DUBNER, Stephen J. **Super freakonomics. O lado oculto do dia a dia.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

MACAGNO, Lorenzo. O discurso colonial e a fabricação dos usos e costumes: Antonio Enes e a “Geração 95”. In: FRY, Peter (Org.). **Moçambique. Ensaio.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Brasil a vapor: raça, ciência e viagem no século XIX. 2005.** Tese (Concurso de Livre-Docência, Disciplina: História do Quotidiano) - Departamento de História, FFLCH-USP, São Paulo, agosto de 2005.

MAXWELL, Kenneth. **Chocolate, piratas e outros malandros: ensaios tropicais.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MAXWORTHY, Christopher G. British whalers, merchants and smugglers, contraband trade on the Pacific coast of South America 1783-1810. **Derroteros de la Mar del Sur**, Lima (Peru); Madri (Espanha); Mulazzo (Itália); Paris (Francia), AFIO 15, n. 15, 2007.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick ou a baleia.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

OSÓRIO, Helen. As elites econômicas e a arrecadação dos contratos rurais: o exemplo do Rio Grande do Sul (século XVII). In: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda & GOUVEIA, Maria de Fátima. **O Antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (século XVI-XVIII).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PHILBRICK, Nathaniel. **Why read Moby-Dick.** Massachusetts: Viking Adult, 2011.

_____. **A vingança da baleia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Mar de Glória: viagem americana de descobrimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. **Escravos e Libertos no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SILVA, Alberto da Costa e. **A manilha e o Libambo: a África e a escravidão, 1500-1700**. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

SOARES, Cecília C. Moreira. **Mulher negra na Bahia no século XIX**. Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do Ouro: a pobreza mineira no século XVIII**. 4ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

SPIX e MARTIUS. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. V. 02, São Paulo: Edusp, 1981.

TAVARES, J. J. S. A pesca da baleia no Brasil. **Broteria**, Revista Luso Brasileira. Fundada pelos Professores J. S. Tavares, C. Mendes e C. Zimmermann, Braga, v. XIV, 1916.

VICKERS, Daniel. The First Whalemen of Nantucket. *In*: CALLOWAY, Colin. **After King Philip's War. Presence and persistence in Indian New World**. Hanover: University Press of New England, 1997.

VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no século XVIII**. V. 01. Salvador: Editora Itapuã, 1969.

VILLAR, Frederico. **Pelas indústrias da pesca no Brasil**. Rio de Janeiro: Garnier, 1911.

WIED-NEUWIED, Maximiliano (príncipe). **Viagem ao Brasil nos anos 1815-1817**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958.

WASSERMAN, Cláudia (Coord.). **América Latina: cinco séculos**. 2ª edição. Porto Alegre: UFRGS, 2000.